

A PAISAGEM PÓS-INDUSTRIAL DA FOZ DO ARADE, uma visão do passado com vista para o futuro...

**THE POSTIDUSTRIAL LANDSCAPE OF THE ARADE RIVER MOUTH,
analysing the past envisioning the future...**

Luís Loures

Escola Superior Agrária de Elvas – IPP
lcloures@esaelvas.pt; lcloures@gmail.com

Resumo

Ao longo das últimas décadas vários autores têm defendido que a transformação de paisagens industriais e/ou pós-industriais constitui uma ferramenta de planeamento capaz de contribuir para o (re)-desenvolvimento urbano, promovendo a transformação destas paisagens em lugares úteis e com significado sociocultural. De facto, agora que os produtos formais da sociedade industrial parecem ter terminado o seu ciclo produtivo, é cada vez mais reconhecido, que urge modificar aquela que é, ou tem sido, a visão de quem continua a encarar estes espaços como um problema e não como uma oportunidade. Paralelamente a profunda transformação do conceito de património, aliada à progressiva democratização do mesmo, levou a que estas obras arquitectónicas, muitas vezes de elevado valor patrimonial, deixassem de ser vistas como objectos isolados, tornando-se relevantes não só ao nível do conjunto urbano-territorial, mas também ao nível da sua relação com a paisagem e com o contexto sociocultural em que se inserem, fomentando de forma significativa não só a necessidade de preservação, mas também de reutilização destas estruturas, actualmente desactivadas.

No presente artigo apresentar-se-á o caso de estudo da paisagem pós-industrial da Foz do Rio Arade, uma área que urge recuperar, e que se abordada de forma apropriada pode contribuir significativamente para uma melhoria do espaço urbano.

Palavras-chave: Paisagem pós-industrial; património industrial; Rio Arade; recuperação.

Key-words: Postindustrial landscape; industrial heritage; Arade River; reclamation.

1. A Paisagem Pós-Industrial

Nas últimas décadas os efeitos da terciarização e da desindustrialização têm-se tornado evidentes, contribuindo para o aparecimento de áreas industriais degradadas e/ou abandonadas, cada vez mais comuns na cidade contemporânea. Os produtos formais da sociedade industrial parecem, agora, ter terminado o seu ciclo produtivo, carecendo, por isso, de novos programas funcionais e de usos e funções capazes de responder às necessidades de uma sociedade cada vez mais exigente e selectiva.

Encaradas, de um modo geral, como os espaços resultantes do progressivo abandono de edifícios industriais, motivado essencialmente por alterações estruturais ao nível socioeconómico e pelo declínio de vários sectores tradicionais da indústria, estas

paisagens constituem um recurso altamente subvalorizado, capaz de se afirmar como catalisador de processos de regeneração urbana e reestruturação ecológica (Altena e Linden, 2002; Brebbia *et al.*, 2002, Murungi, J., 2002 e Loures, 2006); facto que tem sido demonstrado por inúmeros projectos realizados em todo mundo: Millenium Park - Estados Unidos da América (figura 1); Duisburg Nord – Alemanha (figura 2); Westergasfabriek - Holanda; Parque Expo – Portugal; Distillery District – Canadá, entre outros.



Figura 1 e 2 – Millennium Park (à esquerda) e Duisburg Nord (à direita). Fonte: Autor (todos os direitos reservados)

Situadas frequentemente, em áreas com elevado valor ambiental e paisagístico estas paisagens têm sido alvo de várias pressões que nem sempre têm como objectivo, a aplicação de acções orientadas para o (re)-desenvolvimento, a dinamização socioeconómica, a recuperação patrimonial e paisagística e/ou a melhoria das condições de vida da população, mas sim a maximização do lucro através de operações urbanísticas muitas vezes desenquadradas e que colocam em risco quer a qualidade do conjunto quer a manutenção do património industrial.

Torna-se assim cada vez mais imperativo proceder à recuperação destes espaços tendo em conta a qualidade e a sustentabilidade da paisagem e valorizando o património natural e industrial, sem esquecer o contexto histórico, cultural e socioeconómico em que se inserem. Assim, de forma a alcançar um ambiente urbano sustentável, é fundamental proceder à transformação das áreas industriais degradadas, não só na óptica da recuperação das mesmas e dos edifícios a elas associados, mas também na óptica da recuperação da paisagem em que se inserem, tendo em vista a reutilização do espaço. Este facto requer uma nova cultura de planeamento ambiental e urbano, baseada no conhecimento, na interdisciplinaridade e em novas tecnologias, para que, os projectos de recuperação destes espaços possam contribuir para a criação de novas paisagens multifuncionais (Panagopoulos e Loures, 2007), que fomentem o espírito do lugar e integrem as preexistências industriais.

É neste sentido que Jorge Custódio (1991) tem defendido que “*a história das cidades termina no século XX e não no século XVIII*”, uma vez que os edifícios industriais são os testemunhos mais próximos das comunidades, impondo-se pela utilização de algumas linguagens próprias, difundidas através de diversas soluções

construtivas, como é o caso do telhado em SHED e da utilização de materiais de construção específicos. Assim, tal como acontece com outros elementos patrimoniais, a justificação para a salvaguarda e eventual recuperação das estruturas industriais deverá alicerçar-se em vários fundamentos e critérios como os que foram enunciados no início do século XX: o valor artístico, o valor histórico e o valor de uso. Não obstante, dever-se-á ter presente que determinada instalação, além de se poder considerar um monumento, é simultaneamente um documento (Le Goff, 1998). As instalações industriais são “*objectos portadores de tempo*” (Sadorgne, 1996), uma vez que um monumento não vale só pelo seu aspecto exterior. Como já foi destacado, “*os monumentos têm uma mensagem interna do passado que é necessário transmitir com autenticidade*” (Lugo e Guillén, 1998), tornando-se imperativo que o património passe a ser encarado como um capital a incorporar nas necessidades da vida moderna.

2. Da Transformação do Conceito de Património à Necessidade de Recuperação da Paisagem Industrial

O novo modo de pensar o património como um objecto de investimento no presente e não apenas de adoração do passado, associado ao valor patrimonial e à criação de documentos normativos referentes à valorização e salvaguarda do património e da paisagem sugerem a imperativa necessidade de recuperação destas paisagens. Pois, não nos podemos esquecer, que o Património Industrial é o resultado da intervenção humana que marcou as diferentes fases da história industrial, constituindo por isso um valor que não pode ser descurado. Neste contexto, as áreas industriais degradadas parecem particularmente aptas para criar espaços públicos multifuncionais que permitam uma variedade de usos e actividades, e que possam, potencialmente, apoiar a compreensão da Paisagem não como um produto, mas como uma entidade aberta à mudança sociocultural e económica (Langhorst, 2004).

De facto, a profunda transformação do conceito de património aliada à progressiva democratização do mesmo levou a que as obras arquitectónicas deixassem de ser vistas como objectos isolados, tornando-se relevantes não só os conjuntos urbanos e territoriais mas também a relação destes com a paisagem e o contexto sociocultural em que se inserem. É dentro deste quadro que surge o conceito de património industrial e, conseqüentemente a necessidade de estudar, preservar e reutilizar numerosas estruturas industriais já desactivadas, mas que apresentam potencialidades para entrarem num novo “ciclo de vida” continuando ao serviço da comunidade. É neste sentido importante lembrar que o Património Industrial constitui o resultado da intervenção humana, que marcou as últimas fases da história industrial recente, constituindo por isso um valor que não pode ser descurado.

3. O Caso de Estudo da Paisagem Industrial da Foz Do Arade – Uma Paisagem, Quantos Futuros?

A Foz do Rio Arade constitui neste contexto um exemplo claro de paisagem pós-industrial com elevado valor patrimonial, histórico e paisagístico, que urge recuperar, uma vez que a análise desta paisagem, tal como se abordará a seguir, constitui uma oportunidade que tende a perder-se com o decorrer do tempo, considerando a elevada pressão urbanística a que esta paisagem tem sido sujeita ao longo dos últimos anos. O rio Arade, desde o início da ocupação humana foi alvo de diferentes formas de aproveitamento pelas populações que nas suas margens se fixaram. Desde fonte de energia e de recursos (a pesca, os processos de conservação do pescado, os frutos secos, a produção de sal) a zona comercial, industrial, cultural e turística. A importância que o rio Arade assume no contexto local, regional e nacional pode ser atestada a partir dos inúmeros vestígios arqueológicos que se encontram submersos no seu leito, uma vez que ainda antes da implantação da indústria conserveira, responsável pelo grande impulso económico-social da região, já a zona ribeirinha se encontrava relacionada com certas actividades com a pesca e a construção naval.

Em finais do século XIX, inícios do século XX, implantou-se nas margens do rio Arade um dos grandes centro industriais conserveiros do país, constituído pelas fábricas de Portimão, do Parchal, Ferragudo e Mexilhoeira, marcando o arranque desta indústria neste território. A primeira fábrica de conservas de peixe em azeite aí implantada foi iniciativa de um rico industrial e proprietário – João António Júdice Fialho, em 1891. A esta vir-se-ia juntar uma outra em 1903 – a São Francisco, desta feita de um industrial andaluz, D. Caetano Feu. Estes seriam dois dos mais importantes industriais conserveiros locais, fomentadores de modelos empresariais auto-suficientes que incluíam estaleiros, frota pesqueira e actividades complementares à produção das conservas e à pesca.

O contexto da Primeira Grande Guerra foi de importância fulcral para o desenvolvimento desta indústria já que absorveu toda a produção de conservas, sobretudo para a França, sendo inclusivamente responsável por uma das primeiras alterações tecnológicas aí operadas, forçando as unidades fabris a equiparem-se com máquinas mais modernas. Assim, a indústria de conservas de peixe desenvolveu uma grande especialização e divisão técnica do trabalho. Nesta altura, cerca de dois terços da população vive da pesca ou da indústria, pelo que as actividades ligadas a este sector contribuíram de forma marcada para o crescimento e carácter desta paisagem (figura 3).



Figura 3 – Vista panorâmica da margem esquerda da foz do Arade. A cada número corresponde uma chaminé associada à indústria conserveira visível da margem direita do rio Arade. Fonte: Autor (todos os direitos reservados)

No entanto, a partir dos anos sessenta, os sectores mais tradicionais de actividade entram em crise, à qual não escaparia a indústria conserveira. A falta de pescado, de investimento na modernização do equipamento industrial, a falta de apoios estatais, a concorrência espanhola e marroquina, o aumento dos salários e a obrigatoriedade de contratação colectiva após 1974, conduziram ao declínio deste sector. Desde então que, pensar na foz do Arade, é pensar inevitavelmente nas diferentes escolhas, e no “mar de oportunidades” que esta paisagem impar comporta; é pensar nos usos e funções que suporta, nas pressões e desmandos a que está submetida, mas acima de tudo, no passado e no povo que representa. É ou deveria ser na sua essência e antes de mais, um exercício de análise por parte de quem actua e intervém sobre o futuro deste território. Quando se analisa esta paisagem apetece perguntar: Como olhar, no início do século XXI, para os vestígios materiais (e.g. infra-estruturas industriais – figuras 4, 5 e 6) que até há tão pouco tempo desempenharam uma função na modelação urbana ou na estrutura económica da sociedade? Como satisfazer os desejos e as necessidades de muitos, salvaguardando um passado que é de todos? A resposta não é simples, uma vez que o interesse patrimonial por determinado “bem” desencadeia um conjunto de acções articuladas que ampliam o significado da sua existência. No entanto, dos espaços tipificados como patrimoniais, espera-se a permanência dos traços que remetam para o passado. Neste sentido, as alterações a introduzir devem decorrer essencialmente dos novos usos a atribuir ao espaço, sendo ponderadas em função da sua natureza e da sua tipologia, de modo a valorizar a paisagem e proteger o património industrial.



Figuras 4 a 6 – Exemplos de infra-estruturas industriais presentes na foz do Rio Arade. À esquerda a fábrica de Portugal, ao centro a ponte do caminho-de-ferro, e à direita um dos muitos moinhos de maré existentes ao longo das margens do Arade. Fonte: Autor (todos os direitos reservados)

Pensando no futuro e embora grande parte do destino desta paisagem esteja suspenso, algumas das intervenções preconizadas para o local, a par de outras já realizadas (Hotel Boca do Rio Resort construído sobre a antiga Fábrica de Santo António (descurando completamente a usa pré-existência) uma das mais emblemáticas construções associadas à Industria Conserveira Algarvia, cuja arquitectura era representativa do gosto, racionalidade e hierarquização do espírito do estado novo), permitem concluir que os usos e funções que têm vindo a ser atribuídos às antigas estruturas industriais, têm contribuído para a sua progressiva descaracterização. É neste sentido essencial levar à prática um conjunto de acções coordenadas, que permitam

recuperar e salvaguardar esta paisagem, como elemento de uma memória viva quer da história local quer da história do próprio Algarve.

É imperativo que os poderes, público e privado percebam que embora a recuperação deste património, promova, em parte, a exumação do passado, esta é cada vez mais um reflexo do nosso futuro; uma vez que a foz do Arade, constitui um exemplo claro de paisagem industrial com elevado valor patrimonial, histórico e paisagístico, que urge recuperar, sendo a sua análise, recuperação e enquadramento na estratégia global de planeamento uma oportunidade efémera, e que tal como referido se tende a perder com o passar do tempo. Além disso, torna-se por vezes incompreensível, para quem conhece esta paisagem, compreender a forma como as vantagens directas que advêm da sua recuperação não têm sido consideradas. Senão vejamos: em termos históricos e culturais, a recuperação deste espaço, contribuiria para a preservação de “pedaços” da memória colectiva, reforçando a sua identidade e valorizando a história, não só a nível local, como a nível regional e nacional; de acordo com uma perspectiva socioeconómica, a solidez, os espaços e a própria localização são factores positivos a ter em consideração, para além disso, a manutenção das instalações integradas nos centros urbanos, por vezes em zonas estratégicas ou mesmo consideradas nobres, contribuirá para impedir o crescimento desordenado e desenfreado de que as zonas costeiras e ribeirinhas têm sido alvo nas últimas décadas.

Este facto requer uma nova cultura de planeamento ambiental e urbano, baseada no conhecimento, na interdisciplinaridade e em novas tecnologias e metodologias, de modo a que, os projectos possam contribuir para a criação de novos espaços multifuncionais, que fomentem o espírito do lugar e integrem a preexistência industrial na nova paisagem. Paralelamente, o novo modo de pensar o património como um objecto de investimento no presente e não apenas de adoração do passado, associado ao valor patrimonial e à criação de documentos normativos referentes à valorização e salvaguarda do património e da paisagem sugerem a imperativa necessidade de recuperação destes espaços.

Não nos podemos esquecer, que o Património Industrial é o resultado da intervenção humana que marcou as diferentes fases da história industrial, constituindo por isso um valor que não pode ser descurado. Neste contexto, as áreas industriais degradadas parecem particularmente aptas para criar espaços públicos multifuncionais que permitam uma variedade de usos e actividades, e que possam, potencialmente, apoiar a compreensão da Paisagem não como um produto, mas como uma entidade resiliente e aberta à mudança sociocultural e económica, ampliando o seu significado. Pois, mesmo que a paisagem pós-industrial seja normalmente considerada como um espaço negativo, fragmentado, incoerente e de difícil legibilidade, a sua análise permite verificar que quando abordadas de forma adequada estas paisagens podem contribuir significativamente para uma melhoria do espaço urbano, no qual a sua complexidade, riqueza cenográfica e descontinuidade constituem elementos com elevado potencial ecológico, social e cultural.

É claro que a sua recuperação se deve basear em princípios que promovam a sustentabilidade, reduzam os impactos ambientais negativos, fomentem o crescimento económico e a inclusão social e promovam uma efectiva melhoria na qualidade de vida das populações. Porém, para que se possam desenvolver acções efectivas nesta área, é necessário que os poderes, público e privado, assumam um papel pró-activo e compreendam, de uma vez por todas, que a transformação destes espaços em áreas monofuncionais (e.g. condomínios privados, áreas residenciais de luxo, etc.) compromete, à partida, a sua qualidade, diminuindo de forma acentuada a resiliência dos novos projectos. Além disto, importa ainda referir que a recuperação destes espaços constitui uma oportunidade para compreender a complexidade do sistema urbano e a forma como o planeamento, a requalificação e o (re)-desenvolvimento dos mesmos se revestem de extrema importância para a sustentabilidade da paisagem. Porém, nem sempre são criadas condições para que as intervenções assumam este carácter proactivo, no qual, adaptabilidade, sustentabilidade e resiliência deixam de ser simples chavões de campanhas promocionais, e passam a integrar a estratégia de intervenção quer no edificado quer na envolvente.

4. Considerações finais

Considerando a análise efectuada pode concluir-se que, embora a recuperação do património industrial, promova, em parte, a exumação intensiva do passado, esta é cada vez mais um reflexo do nosso futuro, e que a foz do Rio Arade constitui, neste contexto, um exemplo claro de paisagem industrial com elevado valor patrimonial, histórico e paisagístico, que urge recuperar, constituindo a sua análise e recuperação uma oportunidade que tende a perder-se com o decorrer do tempo.

Neste sentido, e tal como foi referido, a recuperação de paisagens pós-industriais degradadas deve basear-se em princípios que promovam a sustentabilidade, reduzam os impactos ambientais negativos, fomentem o crescimento económico e a inclusão social e promovam uma efectiva melhoria na qualidade de vida das populações. Porém, para que se possam desenvolver acções efectivas nesta área, é necessário que os poderes, público e privado, assumam um papel pró-activo, abandonando a habitual postura resignada perante as dificuldades, e que compreendam que a transformação destes espaços em área monofuncionais compromete, à partida, a sua qualidade, diminuindo de forma acentuada a resiliência dos novos projectos.

Contudo, de modo a alcançar este objectivo torna-se necessário que se promovam novas medidas de gestão urbanística e de uso do solo, que promovam a recuperação e requalificação das antigas estruturas industriais não só como forma de valorização do património, mas também como estratégia de combate à progressiva suburbanização e crescimento desmesurado.

De um modo geral a análise desta paisagem permite ilustrar, na prática, que a recuperação de paisagens pós-industriais em detrimento da utilização de novos espaços, representa um processo vantajoso a vários níveis:

- Em termos históricos e culturais, a recuperação destas paisagens associada à preservação do património industrial permite que se preservem elementos da memória das populações, reforçando a sua identidade e valorizando a história, não só a nível local, mas também a nível regional e nacional. Pois, embora a recuperação do património industrial, promova, em parte, a exumação do passado, esta é cada vez mais um reflexo do nosso futuro.

- De acordo com uma perspectiva socioeconómica, a consistência e a localização destes espaços constituem factores determinantes para a sua recuperação e manutenção. Integradas em áreas urbanas, por vezes em zonas centrais, a recuperação das paisagens pós-industriais pode contribuir para diminuir o crescimento desordenado e desenfreado de que muitas cidades têm sido alvo nas últimas décadas.

- Do ponto de vista ambiental e paisagístico, a recuperação destes espaços constitui uma mais-valia a níveis distintos, dado que ao recuperar estas paisagens, não só se diminuem os riscos de contaminação do solo e da água, como se melhora a qualidade estética da paisagem e se reduz o consumo de um recurso natural cada vez mais escasso como é o solo.

Para concluir, importa referir que a recuperação destes espaços constitui uma oportunidade para compreender a complexidade do sistema urbano e a forma como o planeamento, a requalificação e o (re)-desenvolvimento dos mesmos se revestem de extrema importância para a sustentabilidade da paisagem. Pois tal como refere Francis Bacon, *“as coisas alteram-se espontaneamente para pior, se não forem deliberadamente alteradas para melhor”*, assim, e por mais que nos queiramos desresponsabilizar, cabe à sociedade contemporânea decidir que uso dar a estes espaços.

5. Referências Bibliográficas

- Altena, B. and Linden, M., 2002. *De-Industrialization: Social, Cultural and Political Aspects*. Cambridge, U.K.: University Press.
- Brebbia, A., Almorza, D. and Klapperich, H., 2002. *Brownfield Sites: Assessment, Rehabilitation & Development*. Southampton, U.K.: WIT Press.
- Custódio, J., 1991. *Cadernos de arqueologia industrial Série I*. Estudos, Lisboa: Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial.
- Langhorst, J., 2004. *Rising from Ruins: Postindustrial Sites between Abandonment and Engagement*. Department of Landscape Architecture: Iowa State University.
- Le Goff, J., (dir.) 1998. *Patrimoine et passions identitaires*. Librerie Arthème Fayard/Caisse national des monuments historiques et des sites. Paris: Éditions du Patrimoine.
- Loures, L., 2006. A Paisagem Industrial da Foz do Arade. In: APAP – Lisboa (ed) *Congresso 30 ANOS APAP – A Paisagem da Democracia*. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves, Lda.
- Lugo e Guillén, F., 1988. *El Patrimonio Cultural Español* (Aspectos jurídicos, administrativos y fiscales), Granada: Ed. Gomares.
- Murungi, J., 2002. *On the Question of Land: A Philosophical Perspective. Transformations of Urban and Suburban Landscapes*. Ed. Gary Backaus and John Murungi. New York: Lexington Books.
- Sadorgne, J., 1996. *Quand le patrimoine fait vivre les territoires*. Paris: Centre National de la Fonction Publique Territoriale.
- Panagopoulos, T. and Loures, L., 2007. Reclamation of derelict industrial land in Portugal: greening is not enough. Book of Abstracts of the *10th European Forum on Urban Forestry*, 16-19 May, Gelsenkirchen, Germany, pp. 71-72.